

# Elegia para Eugenia Alvaro Moreyra

Camilo de Jesús LIMA

Agora, que os teus lábios calaram para sempre,  
Dizem que as tuas mãos estancaram o carinho  
E os teus olhos não mais se abrirão para a miséria do povo.

Agora, que estás morta e teu corpo repousa,  
Dizem que não mais as tuas mãos afagarão a cabeça sonhadora do esposo,  
—As tuas mãos que foram feitas para arrebentar cadeias,  
Para arremessar pedras contra as muralhas de onde a opressão cospe

Violentas, mas também maternais, quando envolvendo presentes que as  
| lágrimas batisavam de carinho

Para os prisioneiros,  
Para os camaradas exilados,  
E escondidos como feras.

Para as viúvas dos que morreram nos comícios, levantando o punho pa-  
| ra o céu, no último desafio.—

Dizem que não mais teus lábios, estancados para sempre, gritarão na  
| praça pública, como naquele dia,

Ameaçando os poderosos  
E alimentando as esperanças do povo:

«Cavaleiro da Esperança,  
Tua cela fique vazia!  
Não pode haver liberdade  
Sem anistia!»

E que não mais teus olhos ficarão úmidos junto ao microfone, no Es-  
| tádio do Vasco,

Como naquela noite em que o Brasil falou pela voz do seu mártir, seu  
| amigo, seu herói.

Dizem que não mais poderás zombar dos cães de fila dos tiranos,  
Como fazias, quando levavas, com Maria Barata, uma palavra de espe-  
| rança

Aos noivos da liberdade cujos olhos brilhavam na treva dos cárceres  
| imundos, como estrélas,

Porque agora os teus lábios estão calados para sempre,  
Porque as tuas mãos estancaram os gestos de ódio e os gestos de ca-  
| rinho.

Porque o teu amor já não se abre para o esposo solitário que vagueia  
| na treva da ausência,

Porque não se levanta mais tua voz nos comícios, ameaçando poderosos  
| e esperando os filhos do povo,

Porque agora estás morta e o teu corpo repousa, Camarada Eugenia.

Mas todos nós, que ainda vivemos, e perlustramos as plagas do mundo,  
— Marinheiros de todas as terras,

Soldados de todas as lutas.

Operários,

Camponeses,

Poetas do povo, e contadores de histórias do povo,

Nós nunca deixaremos de sentir o carinho das tuas mãos, que, agora,  
| estão cruzadas e pálidas, debaixo da terra.

Nós nunca deixaremos de ouvir as palavras da tua boca selada para sem-  
| pre.

Nós nunca deixaremos de ver os teus olhos, terríveis e piedosos, acesos,  
| como naquela noite histórica, no Estádio do Vasco,

Nós nunca deixaremos de te ver,

De te ouvir,

De te sentir;

Sim. Nas horas tremendas da nossa luta,

Nas horas festivas da nossa vitória,

Nós te estaremos vendo,

Nós te estaremos ouvindo

Nós te estaremos sentindo,

Camarada Eugenia!

59  
"O Combate" - Vitória da Conquista  
23- agosto - 1948